



Revista Affectio Societatis
Departamento de Psicoanálisis
Universidad de Antioquia
affectio@antares.udea.edu.co
ISSN (versión electrónica): 0123-8884
ISSN (versión impresa): 2215-8774
Colombia

2014

João Ezequiel Grecco & Mariana Rodrigues Festucci Ferreira
QUO VADIS? A ÉTICA PSICANALÍTICA PARA ALÉM DE ROMA
Revista Affectio Societatis, Vol. 11, N.º 20, enero-junio de 2014
Art. # 1

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia
Medellín, Colombia

QUO VADIS? A ÉTICA PSICANALÍTICA PARA ALÉM DE ROMA¹

João Ezequiel Grecco²
Centro Universitario Anhanguera de Santo André,
Brasil
jegrecco@hotmail.com

Mariana Rodrigues Festucci Ferreira³
Prefeitura Municipal de Mauá, Brasil
marianafestucci@yahoo.com.br

Resumo

Este texto aborda algumas nuances da tragédia vivida por Antígona, contrapondo-a ao aniquilamento do sujeito contemporâneo operado pelo discurso capitalista, situando assim, para além da Ética que visa um bem segundo um imperativo kantiano, a ética psicanalítica —ética regida pela dialética do desejo, única possível de pautar o analista em sua práxis. Para tanto, se partirá do conceito de Ética exposto por Aristóteles, para então sublinhar o que está em jogo na leitura que Lacan faz da peça sofocliana, destacando no que consiste o caráter trágico da ética psicanalítica, e como esta é relevante para resgatar o sujeito contemporâneo do seu apagamento.

Palavras chave: Antígona, tragédia, ética psicanalítica, contemporaneidade.

1 El presente artículo está vinculado a la tesis de Doctorado en Psicología Social del profesor João Ezequiel Grecco, Universidad Pontificia Católica de São Paulo, Núcleo Psicología Social - Psicanálise e Sociedade, bajo la orientación del profesor Dr. Raul Pacheco Albino Filho.

2 Psicoanalista. Doctor en Psicología Social, PUC-SP (Brasil). Magíster en Psicología Clínica, PUC-SP. Miembro del Foro Lacaniano de São Paulo, Brasil e Internacional. Profesor en el Centro Universitario Anhanguera de Santo André, São Paulo (Brasil).

3 Psicoanalista. Especialista en Psicología Clínica, PUC-SP (Brasil). Funcionaria pública de la Prefeitura Municipal de Mauá, en el estado de São Paulo (Brasil).

QUO VADIS? PSYCHOANALYTIC ETHICS BEYOND ROME

Abstract

This paper addresses some nuances of the tragedy experienced by Antigone, contrasting it with the annihilation of the contemporary subject operated by the capitalist discourse. It states, beyond the ethics that seeks a good in accordance to the Kantian imperative, the psychoanalytic ethics —an ethics governed by the dialectics of desire, the only one possible to be determined in the analyst's praxis. For this purpose, it starts from Aristotle's concept of Ethics and then it points out what is at stake in Lacan's reading of Sophocles' play. The tragic nature of psychoanalytic ethics is here highlighted along with its relevance to rescue the contemporary subject from deletion.

Keywords: Antigone, tragedy, psychoanalytic ethics, contemporaneity.

QUO VADIS? L'ÉTIQUE PSYCHANALYTIQUE AU-DELÀ DE ROME

Résumé

Cet article aborde quelques nuances de la tragédie vécue par Antigone en les confrontant à l'anéantissement du sujet contemporain, à cause du discours capitaliste. De cette manière, au-delà de l'éthique qui vise un bien selon un impératif Kantien, l'on établit l'éthique psychanalytique, éthique régit par la dialectique du désir, la seule à pouvoir être déterminée par l'analyste dans sa praxis. Pour ce faire, l'on partira du concept d'Éthique exposé par Aristote, pour ensuite mettre en relief l'enjeu dans la lecture faite par Lacan de la pièce de Sophocle, tout en mettant l'accent sur le caractère tragique de l'éthique psychanalytique et la façon dont celle-ci s'avère importante pour sauver le sujet contemporain de sa suppression.

Mots-clés: Antigone, tragédie, éthique psychanalytique, contemporanéité.

QUO VADIS? LA ÉTICA PSICOANALÍTICA MÁS ALLÁ DE ROMA

Resumen

Este texto aborda algunos matices de la tragedia vivida por Antígona, contrastándola con el aniquilamiento del sujeto contemporáneo operado por el discurso capitalista. Sitúa, más allá de la ética que tiene por objeto un bien según el imperativo kantiano, la ética psicoanalítica, ética regida por la dialéctica del deseo, la única posible de determinar el analista en su praxis. Para ello se parte del concepto de Ética en Aristóteles y se señala lo que está en juego en la lectura lacaniana de la pieza de Sófocles. Se destaca en qué consiste el carácter trágico de la ética psicoanalítica y cómo esta es relevante para rescatar el sujeto contemporáneo de su supresión.

Palabras clave: Antígona, tragedia, ética psicoanalítica, contemporaneidad.

Recibido: 30/08/13

Aprobado: 21/09/13

Eis-me, cidadãos da minha pátria, a trilhar
o derradeiro caminho

Sófocles. *Antígona*

Enfim, se vocês podem pensar com os subcutâneos frontais, vocês podem pensar
com os pés [...] para que isso os ajude a trilhar o caminho da análise.

Lacan. *A terceira*

Da ética que está em jogo em *Antígona*

Há um dito popular: “todos os caminhos levam a Roma”. Sabe-se, entretanto, que a ‘regina viarum’⁴ que conduz o viajante à Cidade Eterna é a via Ápia, segura no traçado, mas perigosa no que nela possa conter, pois cobra alto daquele que nela se lança e tenta dar cabo de sua jornada do princípio ao fim.

A Ética é esse traçado, via Ápia, percurso cujo significado está posto pela “ciência dos costumes”; um jeito, uma direção oferecida aos que apostam nesta via.

Vejamos a leitura que nos oferece Aristóteles sobre a Ética, tomando a sua atividade e praticidade como objetos. Aristóteles realiza uma nítida distinção entre dois pontos: um propriamente dialético, filiado ao conceito de *Dianoia* (lei do que em nós é propriamente humano); o outro metafísico, ligado ao conceito de *Nous* (a vida do divino em nós, a inteligência pura).

Para Aristóteles (s/d) a Ética está vinculada a Metafísica (a *Nous*), onde a cada ser é própria certa essência e em tal essência certa atividade, que é justamente a sua expressão, sua exteriorização em ato. A atividade posta em destaque está acima do que é propriamente humano, pois se trata da centelha do divino que o habita e é determinada por um fim: a forma que atua no ser é simultaneamente o fim (*Telos*) a que se endereça a atividade dele.

Se para Aristóteles na via da Ética incide a Metafísica, definindo em sua forma o seu fim, para Lacan a via Ápia é um ponto de partida que não alcança em Roma a solução, pois há algo mais além de Roma.

Tomemos um fragmento da história cristã para situar melhor o uso da metáfora da via Ápia no presente texto.

Quando no ano de 64 começou a perseguição aos cristãos por Nero, Pedro, aquele que lançou a pedra angular sobre a qual se ergueu a religião católica, foi preso; tendo conseguido se livrar da prisão,

⁴ *Regina viarum* = rainha das vias, via principal.

empreendeu fuga para salvar a vida. O então chamado “príncipe dos apóstolos”, com muito pesar, deixou Roma durante a madrugada. Pouco depois de cruzar a via Ápia, para seu espanto, Pedro tem uma visão de Jesus, e lhe pergunta:

- Onde vais, Senhor?
- Vou para Roma ser crucificado outra vez.

Logo depois de responder que estava a caminho da crucificação, a visão de Jesus esvanece, e Pedro compreende que a pergunta que havia feito ao outro em verdade dirigia a si mesmo; Pedro em sua fuga estava indo contra tudo o que legitimara a sua existência até aquele momento. Negando o próprio desejo, viveria como um morto no mundo dos vivos. Pedro então dá meia volta e, envolto pela luz do amanhecer, na mais completa solidão, toma a via Ápia de volta a Roma, onde sabe o que o aguarda (Sinkiewicz, 2003).

Semelhante determinação toma Antígona, ao cumprir as honras fúnebres vedadas ao irmão Polinices por Creonte. Antígona sabia que, ao tomar a sua via Ápia, algo a esperava. A tragédia de Antígona está, portanto, entre a dialética do desejo a ser cumprido (enterrar o irmão), custe o que custar, e a Metafísica —*Nous*— a outra morte, castigo dispensado por Creonte aos que descumprissem as suas ordens.

É esta a tragédia que Lacan aborda no seminário da Ética da Psicanálise, em especial no capítulo XXI, intitulado “Antígona no entre-duas-mortes”. O aforismo com o qual Lacan abre o capítulo é: “na —finda— linha”. Para Antígona, o fim-da-linha é a morte, mas ela vai mais além. Afinal, do que se trata para Antígona de transpor?

Lembremos que Polinices, insepulto, está sentenciado a perecer entre os vivos; Antígona, por sua vez, ao enterrar o irmão, é sentenciada por Creonte a viver entre os mortos: “Desdita / Não me procureis entre vivos / Nem entre mortos / Nem viva, nem morta” (Sófocles, 2013/442 a.C: 61).

Desdita, não há lugar na linguagem capaz de situar Antígona; a zona do “entre-duas-mortes” é impossível de ser habitada. Não estando morta, ao ser trancada ela é riscada do mundo dos vivos, suspensa na zona entre a vida e a morte (Lacan, 2008). E por que ela se dispõe a pagar um preço tal alto?

A sentença que Creonte desfere a Polinices visa atacar o nome deste, o lugar dele na ordem significante, usurpando-lhe assim a sua “segunda morte” —a que difere do evento biológico de cessar a vida, pois o homem é constituído na e pela linguagem que:

[...] desnaturaliza o bíos onde não há perda nem desvio [...] Ser situado por um nome é estigma significante, é portar no corpo a marca da morte. É também estar localizado na linhagem, ocupar uma posição singular na cadeia significante não intercambiável; o nome testemunha uma inscrição simbólica, bem como um pertencimento (Vorsatz, 2013: 88).

Conforme adverte Lacan (2008) não se pode tratar o corpo de um homem como a de um cão, não se pode acabar com os seus restos ignorando que o registro do ser daquele que foi situado por um nome deve ser preservado pelo ato dos funerais, ato este, que além de zelar pelo nome, traça uma borda em torno do vazio inominável da morte.

Creonte com sua proibição suprime a dimensão da morte e, sem ela, o que restaria a vida? “A vida sem a presença da morte seria a eternidade, fora do tempo, sem fim e sem começo. Apenas os deuses são imortais; os homens compartilham esse destino comum, mortal, que lhes assegura uma vida decepada, precária, parcial e finita.” (Ibid: 88)

Em conferência pronunciada em Louvain Lacan (1972) chega a afirmar: “La mort est du domaine de la foi”⁵, ou seja, daquilo que fornece uma solução para a vida, que põe termo ao sofrimento.

Bataille (2013) afiança que o conhecimento da morte pelos humanos se opõe completamente ao conhecimento da morte pelos animais, que é precário e duvidoso, e não altera o agir instintual destes no mundo. O reconhecimento do pavoroso e transformador da morte foi um elemento essencial no advento da humanidade no homem, mudando-lhe a forma de ser e de estar no mundo.

Creonte recusa a ordem significativa a Polinices, atacando-lhe a humanidade, matando-lhe o nome. Tal violação é impossível para Antígona suportar, então ela vai mais além. À parte de tudo o que Polinices possa ter realizado de bem e de mal, no ato de Antígona o valor do seu irmão é preservado. E de que valor se trata aqui? Do valor dele enquanto linguagem, valor que é também o dela. Para além dos laços fraternos, Antígona e Polinices estão irmanados na morte que o sujeito não deve à natureza e sim a ordem significativa. Trata-se, para Antígona, ao honrar Polinices, de assegurar a sua segunda morte, levando a própria vida ao seu limite radical.

Na linha de ação de Antígona, citamos mais um adendo do seminário de Lacan (2008: 326), que nos contempla com a profundidade de sua articulação: “A interpretação clássica é clara —Creonte representa as leis do país e as identifica com os decretos dos deuses—. Mas não é tão certo assim, pois, não se pode negar que essas leis ctonianas, as leis do nível da terra, são, contudo aquilo com que Antígona se mete”.

É pelo laço da tradição e de sangue que Antígona põe de lado a *Dike* dos deuses e faz de sua posição Ética o enfrentamento para levar adiante o funeral do seu irmão; Antígona está pronta para marcar uma posição frente a tudo isso, o que se dá através da presentificação da individualidade absoluta, pois não foi Zeus quem proclamou tais leis para ela; seu repúdio se sustenta no fato dela dizer por si ao invés de

⁵ “A morte é do domínio da fé”.

obedecer ao imperativo de Zeus. Esta é a sua marca, sua posição frente às duas mortes, uma da lei de Creonte e a outra por si.

Antígona assume uma posição entrando no jogo de palavras da linguagem; na práxis o Ato Analítico também é parte de um jogo feito das palavras, onde linguagem e significante marcam o desejo do analista: arriscar-se, tomar uma causa e ir além. Esse além “na-finda-linha” é um continuo fazer da ética psicanalítica, de algo que se põe em movimento e não recua.

[...] a linguagem esconde tudo o que ocorre no movimento da vida. Autônomos, é assim que o Coro situa Antígona: segue em direção a tua morte, não conhecendo tua própria lei. Antígona sabe a que está condenada – a jogar, digamos assim, um jogo cujo resultado é conhecido de antemão (Lacan, 2008: 330).

Sobre o jogo de Antígona incide a condenação de Creonte, que diz: “– Vamos ver a que isso te servirá, essa fidelidade aos deuses daqui de baixo” (Ibid: 330). É neste ponto que se dá a reviravolta de Antígona. Ela transpõe a entrada da zona entre a vida e a morte, onde o que ela já tinha dito ser toma forma do lado de fora. Sua posição não deixa dúvida, ela já se encontra no reino dos mortos, mas Lacan ressalta que (Ibid: 331): “para Antígona a vida só é abordável, só pode ser vivida e refletida a partir desse limite em que ela já perdeu a vida, em que ela está para além dela —mas de lá ela pode vê-la, vivê-la sob a forma do que está perdido”.

A presença da morte na vida encarnada por Antígona confere a ela o seu *himeros anarges*, brilho intolerável do desejo tornado visível, pois que é posto em ato irreversível com o qual só é possível avançar em perda; *himeros anarges* delinea o lugar do desejo na medida em que é desejo de nada, relação do homem com sua falta a ser, ao mesmo tempo em que impede de ver esse lugar (Lacan, 2008). Em Antígona, o que ofusca é este brilho impossível, assim o diz Ismene, quando toma conhecimento da decisão da irmã: “De fogo é teu coração em atos que me gelam [...] amas o impossível” (Sófocles, 2013/442 a.C.: 12-13).

Antígona realiza o seu desejo, o que, para Lacan, não é cumprir o que traçou o princípio do prazer, pelo contrário, é ultrapassar o limite. Aqui não se trata de *Nous* definindo na forma o seu fim. É tomar a via Ápia para além de Roma. “A realização do desejo, por um lado, supõe o franqueamento de um limite —aquele colocado pelo bem [...] por outro lado, implica a submissão à segunda morte, aquela que o sujeito não deve à natureza [...] mas ao significante” (Vorsatz, 2013: 91).

Lacan (2008: 320) pontua: “É porque o homem toma o mal pelo bem, porque alguma coisa de para além dos limites da *Até* tornou-se para Antígona seu próprio bem, um bem que não é o de todos, que ela se dirige *pros atan*”.

Antígona é uma heroína que está solitária “na-finda-linha”: “Sem pranto, sem amigos, sem núpcias / Sou, desventurada, arrastada / Por este franqueado caminho” (Sófocles, 2013/442 a.C: 62).

É justamente este aspecto da tragédia sofocliana que Lacan (2008, p.320) ressalta para articular a ética da psicanálise, conferindo a Antígona o seu lugar de heroína: “[...] o herói da tragédia participa sempre do isolamento, e está sempre fora dos limites, sempre num vôo, e, por conseguinte, arrancado por algum lado da estrutura”. Antígona ocupa esse lugar, isolada pelo desejo de ir mais além, e o seu limite está longe da finda-linha.

Muito antes de Aristóteles e suas formulações, antes mesmo que a Filosofia enquanto tal surgisse e estabelecesse parâmetros universais de uma conduta ética, Antígona nos deu a lição do sujeito que se move na mais absoluta e radical solidão, sem ninguém para dividir o peso do seu padecimento, sem nenhuma Verônica a lhe estender o líquido que lhe matasse a sede em sua *via-crúcis*.

Allouch (1999: 45) nos traz uma historieta que ilustra bem a dialética de uma intervenção pautada pela ética psicanalítica. Trata-se de um jesuíta em análise com Lacan que, certo dia, lhe participa a decisão de deixar a Companhia para se casar: “Lacan fez de tudo para dissuadi-lo disso, chegando até a dizer-lhe que o supereu, no casamento, seria pior que na igreja. Resultado? O analisante realiza sua decisão, mas de certa maneira: ficou convencido que a tomara sozinho”.

O destino trágico de Antígona x o apagamento do sujeito contemporâneo

Na contemporaneidade o sujeito do inconsciente está sucumbindo à morte para além daquela enquanto evento biológico a qual já está fadado; há uma outra morte não percebida, ou anestesiada pela conjunção social engendrada pelo discurso capitalista.

O sujeito do inconsciente, no dizer de Lacan, “ex-siste”:

[...] só há, em qualquer outro lugar, um enxerto dele [...] Mas certamente não implica que, sem o discurso a partir do qual ex-siste, ele seja avaliado como um saber que não pensa, não calcula e não julga o que não impede de trabalhar (no sonho, por exemplo). Digamos que ele é o trabalhador ideal, aquele de quem Marx fez a nata da economia capitalista, na esperança de vê-lo dar continuidade ao discurso do mestre: o que de fato aconteceu, se bem que de uma forma inesperada (Lacan, 2003/1973: 517).

Na vigência do capitalismo o sujeito é aquele de uma só morte, a outra de si mesmo, subvertida pela relação indivíduo/mercadoria e o apanágio do consumo, bem diferente de Antígona, que “se apresenta como autônomos, pura e simples relação do ser humano com aquilo que ocorre de ele ser miraculosamente

portador, ou seja, do corte significativo, que lhe confere o poder intransponível de ser o que é, contra tudo e contra todos” (Lacan, 2008: 333).

Ao invés estar irmanado com o semelhante tal como estava Antígona a Polinices, o sujeito contemporâneo está envolvido na manipulação de bens e objetos. Segundo Quinet (2001: 17): “o discurso capitalista promove tanto um autismo induzido quanto um empuxo-ao-onanismo, uma vez que não só realiza a economia do desejo do Outro, como também estimula a ilusão de completude [...] com um parceiro conectável e desconectável ao alcance da mão”.

O discurso capitalista engana a falta tentando substituir o significativo que funda o ser por outro, o dinheiro, suplantando o estatuto do sujeito pelo do consumidor, que já não é mais autônomos como foi Antígona. Sobrepondo o mercado à sociedade, o capitalismo fabrica objetos de gozo que visam anular o desejo, retirando do homem o seu *himeros anarges*. O mercado determina formas de ser, e os psicofármacos, a serviço deste, tentam moldar até a dor de existir, calando o sintoma e, por conseguinte, apagando o sujeito e a possibilidade deste levar a vida ao seu limite mais radical.

O discurso capitalista, predominante na contemporaneidade, se caracteriza pela forclusão da castração, o que elimina, por sua vez, a diferença dos sexos e o outro do laço social. Operando como significante-mestre, o capital dita relações não mais entre sujeitos, mas sim entre indivíduos e mercadorias, sobrepondo, assim, o mercado à sociedade. Atuando segundo a lógica da forclusão, tal discurso aniquila o estatuto que institui o sujeito, inviabilizando o laço social, o que o torna, no dizer de Lacan, um discurso da exclusão (Lacan, 2009).

A práxis psicanalítica inclui ao invés de excluir, faz falar ao invés de silenciar (ética do bem-dizer, bem dizer o sintoma), inclui o sintoma no diagnóstico, inclui o sujeito no tratamento, e inclui até mesmo a forclusão, ou seja, a diferença radical representada pela figura do psicótico no seio da suposta sociedade de iguais (Quinet, 2009).

Na contramão do imperativo gozoso capitalista “se tudo tenho, tudo posso” que oblitera a falta constitutiva, o ato analítico convoca o sujeito a emergir de seu apagamento: *Quo vadis?* Onde vais nesta fuga desenfreada de ti mesmo? *Che vuoi?* Pois não se trata aqui de uma “gestão de capital financeiro, mas do capital da libido, por definição sempre negativo. Contra o imperativo da competitividade, neoliberal, a ética da diferença” (Quinet, 2009: 22), que aponta, tal como o dedo erguido no quadro de São João Batista pintado por Da Vinci, para o vazio, o nada, “o horizonte desabitado do ser” (Lacan, 1958: 648), o mais além da “finda-linha”.

Considerações finais

O capitalismo e a ciência, colocada a seu serviço, tentam suplantar o destino trágico do sujeito, a sua “falta-a-ser”. Tudo pode aquele que tem dinheiro, e se não há dinheiro, o sujeito se esvai em trabalho, já que o discurso capitalista situa a mais-valia no lugar da causa-do-desejo.

Por não obedecer a uma ordem nem servir a qualquer senhor que não seja o desejo, a ética psicanalítica é capaz de devolver o sujeito à sua dimensão trágica. Conforme nos aponta Foucault (1961) por mais que a ciência a serviço do capital avance, uma coisa permanece: a relação do homem com os seus fantasmas, com a sua dor, com o seu impossível.

Na contemporaneidade, o sujeito parece desconhecer a via Ápia e para onde ela conduz; sem rumo, sem norte, ele está seguindo a corrente de um ideal, distante e manipulado. Diante disso, nada mais pontual que o questionamento da práxis psicanalítica: *Quo vadis?*

A análise relança o sujeito na via Ápia; neste caminhar, não há pensamento em conformidade a um bem; o próprio pensar está em marcha, ou melhor, em ato. Pensa-se com os pés:

Enfim, se vocês podem pensar com os subcutâneos frontais, vocês podem também pensar com os pés. Pois bem, é aí que gostaria que isso entrasse, já que afinal de contas o imaginário, o simbólico e o real, isso é feito para que aqueles desse agrupamento que são os que me seguem, para que isso os ajude a trilhar o caminho da análise (Lacan, 1974: s.p).

Para a Psicanálise, entretanto, o caminhar pela via Ápia não acaba em Roma. Curiosamente é de Ápio Cláudio, cônsul romano idealizador da Via Ápia, a sentença: *Faber est suae quisque fortunae*.⁶ Ápio acreditava que cabia ao homem, e somente a ele, se responsabilizar, em ato, pelo seu destino (Salustio, 1968), destino que, para a psicanálise, não é a “finda-linha”, mas está mais além: “O jogo já está jogado, os dados já foram lançados. Já foram lançados, com a seguinte ressalva, podemos retomá-los em mão, e lançá-los mais, ainda. Há muito tempo que a partida está encerrada” (Lacan, 1995: 276).

A partida está encerrada de antemão. Mas nada impede o sujeito de retomar os dados, relançando-os mais além. Assim o fez Antígona. Antígona pensava com os pés.

Referências bibliográficas

- Allouch, J.** (1999). *Alô, Lacan? É claro que não*. Rio de Janeiro, Brasil: Companhia de Freud.
- Aristóteles.** *A ética*. (s/d). Rio de Janeiro, Brasil: Ediouro.
- Bataille, G.** (2013). *O erotismo*. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica. (Originalmente publicado em 1957)
- Foucault, M.** (1961). *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris, Francia: Gallimard.

⁶ “Cada um é o artífice do seu próprio destino”.

- Lacan, J.** (1995). *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Lacan, J.** (2008). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Lacan, J.** (2009). *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Lacan, J.** (s. f.). *Conferência pronunciada na Universidade de Louvain em 13 de outubro de 1972*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=tKI9XgUC73I>.
- Lacan, J.** (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar. (Originalmente publicado em 1958)
- Lacan, J.** (s. f.). *A Terceira*. Conferência proferida em Roma em 1974. Disponível em: http://www.freud-lacan.com/articles/article.php?url_article=jlacan031105_2.
- Lacan, J.** (2003) *Televisão*. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar. (Originalmente publicado em 1973)
- Quinet, A.** (org). (2201) *Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro, Brasil: Rios ambiciosos.
- Quinet, A.** (2009) *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Salustio, C.** (1968) *Epistulae ad Caesarem*. (Texto crítico, tradução e comentários filológicos de Virgílio Paladini. Bolonha, Itália: Casa Editrice Prof. Riccardo Pàtron.
- Sinkiewicz, H.** (2003) *Quo vadis*. Belo Horizonte, Brasil: Itatiaia.
- Sófocles.** (2013) *Antígona*. Porto Alegre, Brasil: LP&M. (Originalmente publicado em 442 a. C)
- Vorsatz, I.** (2013) *Antígona e a ética trágica da psicanálise*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article / Para citar este artigo (APA):

Grecco, J. & Rodrigues, M. (2014). Quo vadis? A ética psicanalítica para além de Roma. *Revista Affectio Societatis*, Vol. 11, N.º 20 (enero-junio 2014), pp. 1-11. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>